

Ephraim Chambers e a emergência disciplinar de uma “ciência do homem” no Setecentos

Raphael B.S. Uchôa ·

Resumo

O complexo processo de emergência de uma ‘ciência do homem’ no Setecentos veio acompanhado da reorganização das denominadas ‘árvores do conhecimento’. Na Inglaterra setecentista, esta conjuntura tomou forma num dicionário altamente relevante: a *Cyclopaedia, or Universal Dictionary of Arts and Sciences* (1728) de Ephraim Chambers (1680-1740). A hipótese deste trabalho é que o dicionário de Chambers constitui um suporte material privilegiado para o estudo do processo relativamente lento de conformação de uma ciência que considerava o ser humano enquanto tal, antes mesmo da publicação de outras enciclopédias na segunda metade do século XVIII. Há duas fendas analíticas no referido material que fundamentam a nossa hipótese: 1) a existência e o significado do conceito “antropologia” na primeira edição de 1728, compreendida como a ciência que trata da natureza humana a partir do estudo da relação entre corpo e alma; e 2) o aparecimento do verbete “Man” nos suplementos de 1753, que veicula a sobreposição de dois projetos de parametrização do conhecimento científico sobre o ser humano.

Palavras-chave

Ciência do homem, Ephraim Chambers, Enciclopédias, Antropologia, Século XVIII

Ephraim Chambers and the disciplinary emergence of a "science of man" in the 18th century

Abstract

The complex process of emergence of a 'science of man' in the eighteenth-century coexisted with a reorganization of the so-called 'trees of knowledge'. In 18th-century England, this conjuncture took shape in an unlikely, though highly relevant dictionary: Ephraim Chambers' *Cyclopaedia, or the Universal Dictionary of Arts and Sciences* (1728). I will argue that Chambers' dictionary constitutes a privilege historical source for the study of the relatively slow emergence of a science that considered the human being as such, even before the publication of other encyclopaedias in the second half of the eighteenth-century. Two facts underlie our hypothesis: 1) the presence of concept "anthropology" in the first edition of 1728, understood as the science that deals with human nature and investigates the relationship between body and soul; and 2) the appearance of the heading "Man" in the supplements of 1753, which points to the overlapping of two projects of standardization of the scientific knowledge on humans.

Keywords

Science of man, Ephraim Chambers, Encyclopaedias, Anthropology, 18th Century

Introdução

Durante o século XVIII, apareceu, na Europa, uma série de obras que traziam no centro de suas preocupações a investigação do ser humano a partir da incorporação de princípios da ciência moderna. O termo ‘ciência do homem’ surgiu para designar o referido processo com definições variadas, em função de questões particulares referidas a diferentes contextos históricos, sociais e científicos e, ao mesmo tempo, veio acompanhado de um processo de reorganização das denominadas ‘árvores do conhecimento’.¹

Na Inglaterra setecentista, este processo tomou forma num dos mais importantes dicionários do período: a *Cyclopaedia, or Universal Dictionary of Arts and Sciences* (1728) de Ephraim Chambers (1680-1740). Tudo indica que se trata da primeira enciclopédia moderna a apresentar espaço teórico para ‘o homem’ como objeto específico de estudos científicos. Do outro lado do Canal da Mancha, a *Encyclopédie* de Denis Diderot (1713-1784) e Jean d’Alembert (1717-1783), publicada 23 anos depois, foi inspirada na *Cyclopaedia* de Chambers, como anunciado no seu “Discurso Preliminar” e, de forma mais clara que o autor inglês, caracterizou a “ciência do homem” (*science de l’homme*) como um ramo formal do saber.²

O presente trabalho pretende analisar o contexto científico imediato à publicação da *Cyclopaedia*, a partir do levantamento de fontes que tenham possivelmente inspirado a inserção do ser humano como objeto específico no *Dicionário Universal de Artes e Ciências* de Ephraim Chambers.

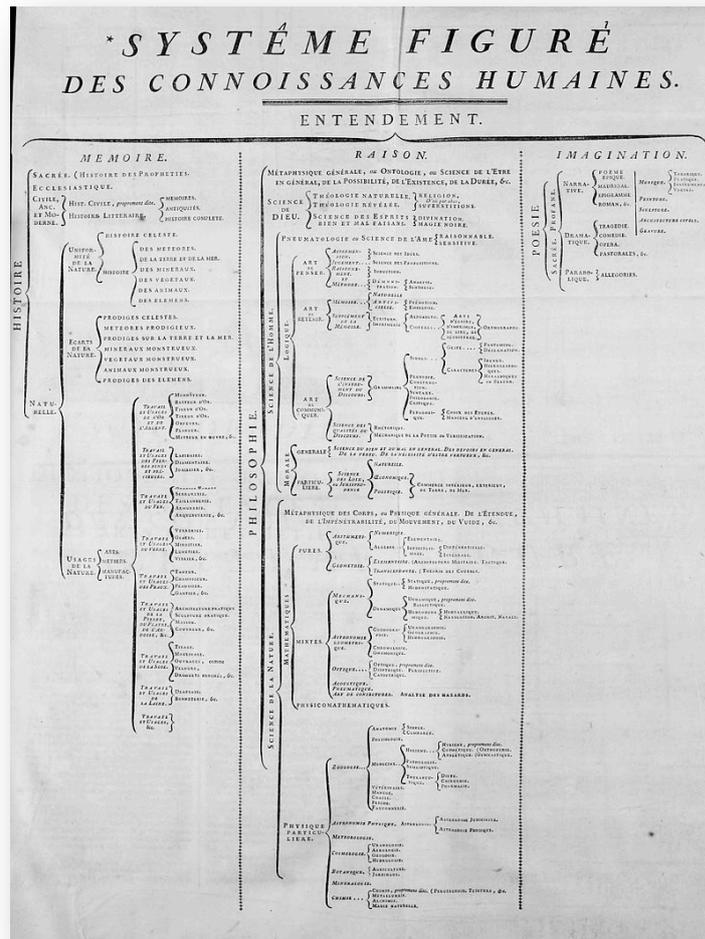
Há, todavia, um sério problema na detecção do conceito de ‘ciência do homem’ no dicionário de Chambers. Diferentemente da *Encyclopédie*, Chambers não apresenta uma ‘ciência do homem’ em seu mapa do conhecimento (como mostram as Figuras 1 e 2), o que sugere, a princípio, a ausência de espaço teórico para essa

¹ Para uma análise sobre o lugar das ‘árvores do conhecimento’ no processo de especialização moderna da ciência, cf. Ana M. Alfonso-Goldfarb, Silvia Waisse, & Márcia H.M. Ferraz. “From Shelves to Cyberspace: Organization of Knowledge and the Complex Identity of History of Science,” *Isis* 104, n.º. 3 (2013): 551-560; Ana M. Alfonso-Goldfarb, “O Antigo Enciclopedismo e a Ciência Moderna,” in *Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia* (São Paulo: Edusp/SBHC, 2000), 55-60. Para uma discussão mais geral sobre uma ‘ciência do homem’ no Setecentos, cf., por exemplo, Peter Jones. *The ‘Science of Man’ in the Scottish Enlightenment: Hume, Reid, and their Contemporaries*. (Edinburgh: Edinburgh University Press, 1991); Sergio Moravia, “The Enlightenment and the Sciences of Man,” *History of Science* 18 (1980): 247-68; Paul Wood, “The Natural History of Man in Scottish Enlightenment,” *History of Science* 28 (1990): 89-123.

² A enciclopédia de Johann Heinrich Alsted (1588-1638), considerada a primeira enciclopédia moderna, revela a inexistência de espaço teórico para ‘o homem’ como objeto específico de estudos científicos, cf. Johann Heinrich Alsted, *Encyclopaedia septem tomis distincta: serie Praeceptorum, Regularum, & Comentariorum Perpetua* (Herbornae Nassoviorum: [s.n.e.], 1630). No fim do Seiscentos, John Ray (1627-1705), semelhantemente, não inclui os seres humanos em sua *Synopsis methodica animalium quadrupedum et serpentinae generis* (1693), que veio a influenciar importantes estudiosos da natureza no Setecentos, como Carl von Linné (1707-1778) e Buffon (1707 - 1788), cf. Phillip Sloan, “The Gaze of Natural History,” in *Inventing Human Science: Eighteenth-Century Domains*, ed. Christopher Fox, Roy Porter, & Robert Wokler, (Berkeley: University of California Press, 1995), 112-51.

sobre o ser humano deviam ser separados do estudo da natureza, sendo que os aspectos físicos do ser humano correspondiam à zoologia, parte da “ciência da natureza”, enquanto que a alma humana, a lógica e a moral eram o campo próprio da “ciência do homem”.⁷ Em outras palavras, em relação a “*le physique et le morale de l’homme*”, tal como considerados na organização da *Encyclopédie*, o *physique* é colocado na chave da “ciência da natureza” (zoologia), enquanto que o *morale* é definido como o escopo próprio de uma nova ciência, a saber, a “ciência do homem”.

Fig. 2 *Système figuré des connaissances humaines*⁸



Desde seu “Discurso Preliminar”, a *Encyclopédie* deixa clara a sua inspiração baconiana. O que os enciclopedistas parisienses não admitem com clareza é a profundidade das ideias do filósofo escocês David Hume (1711–1776) no processo de caracterização da ciência do homem grafada no sistema de classificação francês. O desdobramento enciclopédico de uma ciência do homem em ciência da alma, lógica e

⁷ Silvia Waisse, Ana M. Alfonso-Goldfarb, & Maria T.C.G. do Amaral, “Raízes do Vitalismo Francês: Bordeu e Barthez, entre Paris e Montpellier,” *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 18, n° 3, (2011): 625-40.

⁸ Diderot & D’Alambert, “Système Figuré”, <http://encyclopedie.uchicago.edu/content/syst%C3%A8me-figur%C3%A9-des-connaissances-humaines>. Acesso em: novembro 2016.

moral reverbera, claramente, os princípios da ciência do homem caracterizada, mais de uma década antes por Hume em seu influente *A Treatise of Human Nature* (1739). Neste tratado o filósofo escocês declara que "todas as ciências têm uma relação, maior ou menor, com a ciência da natureza humana"⁹.

Tal ciência, para Hume, compreendia o encadeamento de quatro outras, a saber, lógica, moral, crítica e política, sendo que a investigação delas permitiria acesso aos princípios e operações do raciocínio, à natureza das ideias e aos gostos e sentimentos dos seres humanos.¹⁰ Já outras ciências, como a matemática, a filosofia natural e a religião natural estariam vinculadas à "ciência da natureza humana" na medida em que pressupunham o entendimento da "natureza das ideias" e das "operações do raciocínio".¹¹

Nesse sentido, é possível inferir que a 'mente' constitui o objeto primeiro de investigação do que Hume denomina de "ciência da natureza humana". Uma de suas principais intenções, nessa obra, era propor princípios e métodos que informassem a investigação do "entendimento humano" a partir da especulação sobre as propriedades da mente e da observação da vida humana em seu curso comum no mundo: comportamento, gostos, prazeres, etc.¹² A inserção desse objeto no escopo das quatro ciências acima citadas caracteriza a imagem que Hume propõe dos princípios da "natureza humana", que para ele, "[...] é a única ciência do homem".¹³

É esta ciência do homem que emerge, em 1751, no diagrama do conhecimento de Diderot e d'Alembert. Todavia, permanece o problema da aparente inexistência de espaço teórico na *Cyclopaedia* de Chambers. De fato, a 'ciência do homem' não aparece como tal em nenhum dos diagramas ao longo de todas as edições que teve a obra, até o aparecimento da escocesa *Enciclopédia Britânica* publicada pela primeira vez em 1768. Mesmo assim, nossa hipótese é a de que o dicionário de Chambers constitui um suporte material privilegiado para o estudo do processo relativamente lento de conformação de uma ciência que considerava o ser humano enquanto tal, antes mesmo da publicação de outras enciclopédias na segunda metade do século XVIII. Há duas bases de apoio, que chamarei de fendas analíticas, no referido material que fundamentam nossa hipótese: 1) a existência e o significado do termo "antropologia" na primeira edição de 1728; e 2) o aparecimento do verbete "*Man*" nos suplementos de 1753.

⁹ David Hume. *A Treatise of Human Nature* (London: White-Hart, 1738), xx.

¹⁰ *Ibid.*, xix.

¹¹ *Ibid.*, xx.

¹² *Ibid.*, xxiii.

¹³ *Ibid.*, 273.

A *Cyclopaedia* de Chambers: entre Colombo e Bacon

A *Cyclopaedia* de Chambers alcançou sucesso imediato desde de sua primeira edição em 1728. Além da Grã-Bretanha, a sua importância continuou a ser estimada ao longo do século XVIII em importantes entrepostos científicos, como Paris e Roma.¹⁴ O programa baconiano para o avanço do conhecimento natural conformou, em larga medida, esse dicionário britânico. Um primeiro sinal de integração do ideal baconiano na obra de Chambers está estampado nos contornos do frontispício (Figura 3). Chambers reproduziu a obra do pintor francês Sébastien Leclerc (1637–1714), *L'Académie des Sciences et des Beaux-Arts dédiée au Roy*, como uma forma de comunicar a transposição da pintura de Rafael (1483–1520), *Scuola di Atene* (1510-11), para fora da academia, num espaço aberto habitado por indivíduos e grupos dedicados à observação e ao experimento.

Fig. 3. *L'Académie des Sciences et des Beaux-Arts dédiée au Roy*. Frontispício da *Cyclopaedia* de Chambers (1728); ilustração de John Sturt (1658–1730)



Tal reinterpretação é representativa da pretensão de projetos enciclopédicos como o de Chambers. Aspirando a um mapa universal das artes e ciências,

¹⁴ Richard Yeo, "Reading Encyclopedias: Science and the Organization of Knowledge in British Dictionaries of Arts and Sciences, 1730-1850," *Isis* 82, nº 1 (1991): 24-49.

Chambers tece uma articulação topológica entre “Divisão do globo” e “Divisão do conhecimento”, que se traduz da seguinte maneira: Alexandre o Grande esteve para a “divisão do globo” como Aristóteles esteve para a “Divisão do conhecimento”.¹⁵ O autor inglês aplica a mesma relação para Cristóvão Colombo (1451–1506) e Francis Bacon. Estamos, nesse sentido, tratando de um documento profundamente representativo do processo de reestruturação das ciências no Setecentos, e, portanto, com enorme potencial para se verificar a emergência de uma ciência caracteristicamente setecentista.

Primeira fenda: a existência e o significado do termo “Antropologia” na primeira edição da *Cyclopaedia*

Desde a década de 1960, historiadores da ciência como Georges Canguilhem estabeleceram parâmetros e cuidados para a análise de qualquer conceito ou área do conhecimento.¹⁶ Para o estudioso francês, as chances de anacronismo, neste tipo de análise, parecem aumentar exponencialmente. Isso por que muitos conceitos ou áreas da ciência mantêm as respectivas expressões terminológicas através do tempo, o que leva muitos historiadores a não atentarem devidamente para o esgotamento semântico das nomenclaturas. Trata-se, nesse sentido, de um conselho prudente, numa pesquisa na qual o tratamento de conceitos como ‘antropologia’, ‘psicologia’ e ‘anatomia’ estão sob escrutínio constante.

O termo *Anthropology* aparece pela primeira vez como verbete na edição inicial da *Cyclopaedia* de Chambers, de 1728. O referido verbete se desdobra da seguinte maneira:

“ANTROPOLOGIA, Anthropologia, um Discurso ou Tratado sobre o Homem, ou Natureza Humana.

Antropologia inclui a Consideração tanto do Corpo Humano quanto da Alma, com as Leis de sua União, e os Efeitos daí decorrentes, como Sensação, Movimento, etc. Ver Corpo, Alma, Sensação, Movimento.

Além disso, Dr. Drake intitula sua Anatomia do Corpo Humano, Anthropologia. Ver. Anatomia.

A Palavra é composta de “Anthropos”, Homem, e “Logos”, Discurso.”¹⁷

Considerações sobre o corpo humano, como sugere Chambers em seu sistema de referência cruzadas, apontam para um ramo do conhecimento denominado “Anatomia”. Em 1728, Chambers situa a anatomia como uma derivação da “Estrutura e Economia do Corpo Orgânico” e como “um grande ramo da medicina denominado fisiologia [...]”. Relativamente ao seu objeto, a Anatomia é dividida em

¹⁵ Chambers, *Cyclopaedia*, I: vii.

¹⁶ Cf. Georges Canguilhem. *Estudos de História e de Filosofia das Ciências Concernentes aos Vivos e à Vida* (Rio de Janeiro: Forense, 2012), 1-16.

¹⁷ Chambers, *Cyclopaedia*, I: 107.

Humana e Comparativa. A Humana, “corretamente denominada Anatomia, é aquela empregada para o corpo humano”, também “denominada Antropologia”.¹⁸

Chambers aponta, portanto, para um segundo verbete semanticamente alinhado à antropologia:

“ANATOMIA, a Arte de dissecar, ou artificialmente tomar em partes, as Partes solidas do Corpo Animal com o objetivo de descobrir sua Estrutura e Economia. [...]

Anatomia compõe um grande Ramo da Divisão de Medicina denominada Fisiologia. [...]

Algumas vezes é dividida, com relação ao seu Fim, em especulativa e Prática [...]. Ela é também dividida, com relação ao seu Objeto, em Humana e Comparativa.

Humana, que é absolutamente e apropriadamente denominada Anatomia, é aquela empregada para o Corpo humano; também chamada Antropologia. Ver. ANTROPOLOGIA.”¹⁹

A anatomia trata, portanto, da primeira seção do que seria uma antropologia, ou um tratado sobre o homem ou a natureza humana. A segunda parte de tal tratado teria que lidar com a alma, seguindo a prescrição da antropologia, como mencionado antes. Há diversas formas de se realizar uma análise semântica do conceito de alma na *Cyclopaedia* de Chambers. Todavia, de uma perceptiva disciplinar, um ponto de partida contextualmente coerente é buscar o verbete “*Psychology*”:

“PSYCHOLOGIA, um Discurso sobre a alma. [...]

Antropologia, ou a Ciência que trata do Homem, consiste de duas partes:

A primeira tratando do Corpo, e as partes que pertencentes a ela; chamada *Anatomia*: e a segunda parte da Alma, chamada *Psicologia*.

A palavra é formada do Grego ‘*ψυχή*’, Alma; e ‘*λογία*’, Discurso.”²⁰

Enquanto verbete, além de ser claramente definida como um discurso sobre a alma, Chambers circunscreve semanticamente a psicologia a um campo mais amplo denominado “*Anthropology*”. Assim, a segunda parte de um tratado sobre o homem, ou a natureza humana, deveria ser encontrado no estudo da psicologia. A Antropologia, ou literalmente, ciência do homem, seria, neste sentido, a conjunção de anatomia e psicologia, bem como o estudo da relação entre ambas. Nesse sentido, o conceito de ‘ciência do homem’ já existe na edição da *Cyclopaedia* de 1728. É com esse sentido que irão operar outras enciclopédias no Continente, além de tratados médicos na Escócia.²¹

¹⁸ Ibid., I: 85.

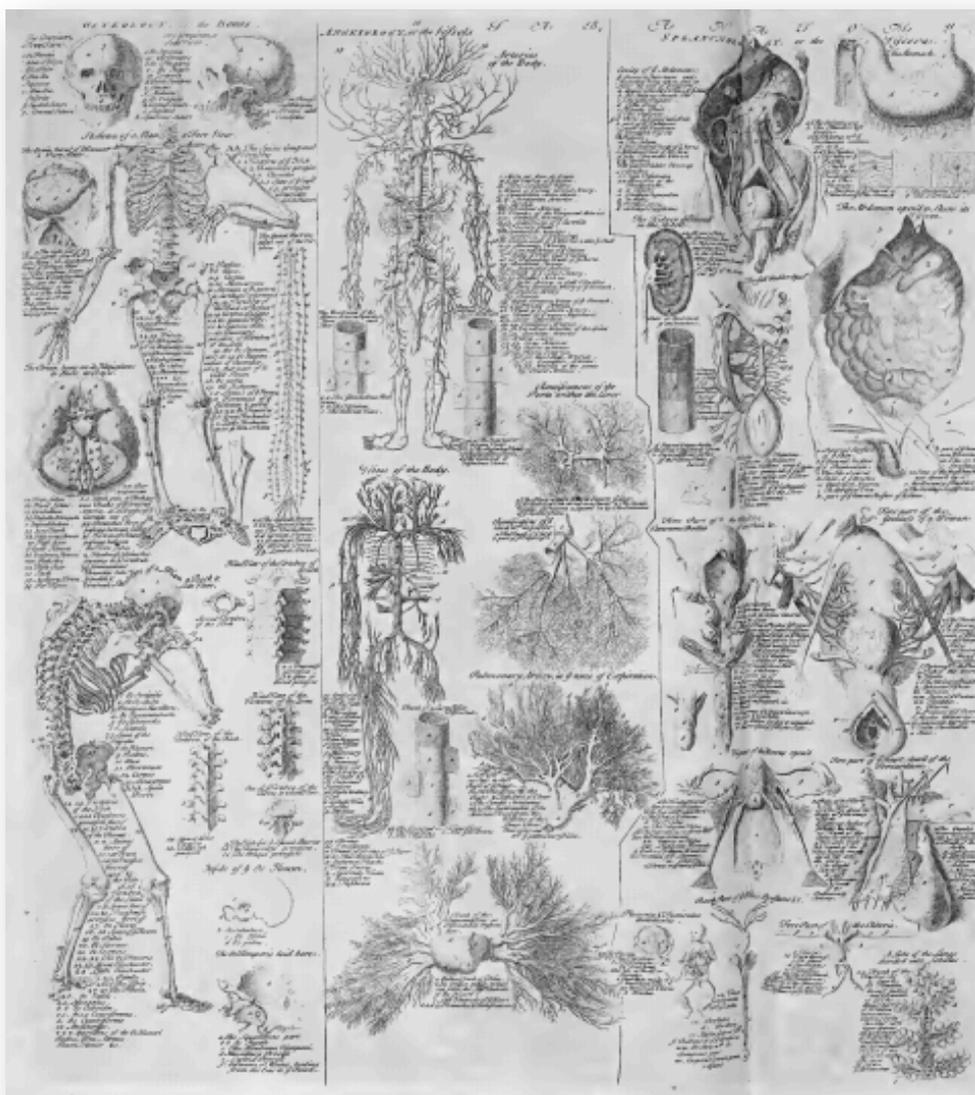
¹⁹ Ibid. Grifo original do autor.

²⁰ Ibid., II: 906.

²¹ Johann Heinrich Zedler, *Grosses vollständiges Universal-Lexicon der Wissenschaften und Künste* (Graz: Akademische Druck und Verlags-Anstalt, 1732–1750), s.v. “*Anthropologia*”; Alexandre-César Chavannes, *Anthropologie ou Science générale de l’homme pour servir d’introduction à l’étude de la Philosophie*

Para ilustrar nosso procedimento com os verbetes, tomamos a visualização da página 85 na seção de anatomia da *Cyclopaedia* (Figura 4). Trata-se de partes anatômicas dispostas de modo separado. Qualquer conhecimento prévio, mesmo que não especializado de um corpo humano, permite ao leitor inferir, rapidamente, que cada vertebra, artéria, glândula, rim, crânio, etc., pertencem a um determinado espaço do corpo; e juntos estruturam uma visão geral do corpo humano.

Fig.4. Composição Anatômica na *Cyclopaedia* (1728) de Chambers²²



et des Langues, et de guide dans le plan d'éducation intellectuelle (Lausanne: [s.n.e.], 1788) e John Gregory, *A comparative view of the state and faculties of man with those of the animal world* (London: J. Dodsley, 1776).

²² Chambers, *Cyclopaedia*, I: 85.

De forma semelhante, é possível observar, ou mesmo circunscrever, a emergência de uma ciência do homem, ou uma visão geral de tal ciência, na enciclopédia de Chambers, se tomarmos como fundamento analítico o rastreamento da rede conceitual e de noções que se traduzem em referências-cruzadas, verbetes – assim como as partes do corpo que juntas estruturam uma visão geral – e na vinculação de seu conteúdo a campos particulares do conhecimento. No caso em apreço, nosso foco recai sobre a vinculação semântica entre a anatomia, psicologia e, fundamentalmente, a antropologia como a ciência que considera a relação entre ambas.

Observa-se, nesse sentido, que a antropologia que emerge da classificação de Chambers, definida por ele mesmo como a “ciência que trata do Homem”, cobre, traduz ou encapsula um eixo central da divisão baconiana do conhecimento, a saber, a chave “Humanidade” contida na “Filosofia primeira”. A classificação baconiana presente em *De augmentis scientiarum* (1623), divide o conhecimento em “divino” e “humano”.²³ O conhecimento humano, por sua vez, divide-se em três chaves: História, Poesia e Filosofia. A subdivisão da filosofia leva à Filosofia Primeira, que se estende por meio de outras três chaves: Teologia Natural, Filosofia Natural e Filosofia Humana. Esta última chave subdivide-se em Humanidade e Civil. A chave Humanidade finalmente se divide em 1) Natureza e Estado do Homem, 2) Corpo e 3) Alma. A primeira circunscreve o conhecimento da ligação entre Corpo e Alma.

Na subdivisão do corpo, Bacon apresenta a Medicina, como campo circunscrito à preservação da saúde, cura de doenças e prolongação da vida.²⁴ Na classificação de Chambers, o corpo continua sob o domínio geral da medicina, porém a ciência do homem, nos termos que discutimos acima, aparece circunscrita à anatomia, esta, segundo Chambers, parte da fisiologia, também um ramo da medicina. A anatomia, em Chambers, está fundamentalmente inspirada em Andreas Vesalius (1514-1564) como a ciência que estuda a estrutura e economia dos corpos orgânicos.²⁵

A ciência do homem, ou o tratado da natureza humana, enquanto tal, assumiu, paulatinamente, outros parâmetros ao sabor de encruzilhadas histórico-geográficas até a segunda metade do Setecentos. Porém o anúncio oracular de tal ciência já havia sido feito antes dos enciclopedistas parisienses, Hume ou mesmo Linné, Buffon e Johann F. Blumenbach (1752 - 1840). Entre 1732 e 1734, Alexander Pope (1688-1744) imprimiu nas primeiras linhas de seu segundo poema epistolar *Essay on Man*: “Know then thyself, presume not God to scan; The proper study of mankind is man”²⁶. Na apresentação de suas epístolas, Pope ainda reverbera a

²³ Bacon, 81 – 157.

²⁴ *Ibid.*, 100.

²⁵ Ephraim Chambers, *A Supplement to Mr. Chambers's Cyclopædia: or, universal dictionary of arts and sciences* (London: Midwinter, 1753), I: s.v. “Anatomy”.

²⁶ Alexander Pope, *An Essay on Man*. (London: L. and P. Knapton, 1753), 30 (epistle II). A edição portuguesa oitocentista traduz da seguinte forma: “Conhece-te, e escutar a Deus não ouses; Dos Homens só hé proprio o estudo do Homem.”, cf. Alexander Pope, *Ensaio sobre o Homem* (Londres: C. Whittingham, 1819), I: 205.

definição essencial do conceito “*Anthropology*” contido no *Dicionário Universal* de Chambers: “The science of Human Nature is reduced [...] to the anatomy of the Mind as in that of the Body”²⁷.

Segunda fenda: O aparecimento do verbete “*Man*” nos Suplementos de 1753: da *Cyclopaedia* para os tratados de história natural e de volta para a *Cyclopaedia*

Vinte e cinco anos se passaram desde a publicação da primeira edição da *Cyclopaedia* em 1728 e os Suplementos, em 1753. Nestes suplementos há uma inserção inédita do verbete “*Man*”.²⁸ Assim, ‘Homem’ como tal, na sua divisão básica entre corpo e alma, não se apresenta apenas fracionado como objeto de estudo de algumas áreas particulares, como vimos antes. Ele agora é inserido como verbete autônomo na *Cyclopaedia*. Resta agora escavar os significados da inserção do mesmo em relação à ciência do período.

No panorama intelectual mais amplo, entre 1728 e 1753, uma série de obras foram publicadas, em verso e em prosa, trazendo o ser humano como o centro de investigação científica e poética. Como estratégia hermenêutica, é tentador elencar alguns de tais trabalhos e analisá-los como ora refletindo, ora provocando a inserção do ser humano no horizonte teórico da ciência setecentista. Todavia, nesta sessão vamos mencionar, apenas, aquelas obras diretamente citadas nos recortes textuais em análise.

No verbete “*Man*”, Chambers elenca Linné e Buffon como marcos teóricos referentes ao processo de parametrização de uma ciência do homem:

“HOMEM, *Homo*, em zoologia, é ranqueado por Linné no topo da classe de animais, o qual ele denomina *Anthropomorpha* [...]. Ele distingue *Homens*, de acordo com a sua cor; em Europeu, ou *homem* branco; em Americano, ou *Homem* de cor vermelha, o Asiático, *homens* de cor marrom; e por último, os da África, ou os negros. Mons. Buffon nos ofereceu várias particularidades relacionadas a história natural do *Homem* [...]. Este autor genial tem investigado com grande detalhe as variedades da espécie humana.”²⁹

O sueco Linné é considerado o primeiro estudioso a incluir o ser humano dentro de um sistema de história natural. Há dois trabalhos publicados pelo estudioso sueco, vistos como fundamentais para o entendimento do processo de inserção do ser humano na história natural: *Systema Naturae sive regna naturae* (1735),

²⁷ Pope, iii. Na edição portuguesa: “A Sciencia da Natureza Humana reduz-se [...] a Anatomia do Espirito he a do Corpo”, I: 30.

²⁸ Chambers, *A Supplement*, II: s.v. “*Man*”.

²⁹ *Ibid.*, II: s.v. “*Man*”. Grifo original do autor.

seu primeiro e mais conhecido trabalho, e *Fauna Suecica* (1746). Na primeira edição de *Systema Naturae*, publicada em Leiden, Linné classificou os humanos entre aqueles com “forma humana” (*Anthropomorpha*) — ao lado do macaco (*Simia*) e da preguiça (*Bradypus*).³⁰ Linnaeus definiu o gênero *Homo* por sua habilidade de autoconhecimento, de acordo com o *dictum* grego “Conhece-te a ti mesmo”. Logo após, ele enuncia as quatro subcategorias do gênero *Homo*: Europeu branco, Americano vermelho, Asiático amarelo e Africano negro.³¹

A classificação de humanos de Linné não passou isenta de críticas. Para Buffon, na França, Georg Gmelin (1709-1755) em São Petersburgo e, mais tarde, William Lawrence (1783–1867), na Inglaterra, dentre outros estudiosos, a taxonomia de Linné, particularmente a posição dos humanos em relação a outros animais, foi ferozmente contestada.³² Todavia, seus trabalhos de fato parametrizaram a linguagem e a imagem setecentista e oitocentista do ser humano em relação à natureza, pelo menos até Thomas Huxley (1825-1895) e Charles Darwin (1809 – 1882) tomarem o cenário geral de debates sobre o lugar do ser humano na natureza em meados do Oitocentos.

Devido às críticas recebidas, Linné publicou algumas razões pelas quais inseriu o ser humano entre os outros animais. Sua justificativa veio em *Fauna Suecica* (1746): “Ninguém tem o direito de ficar bravo comigo”, afirma. O homem não é nem uma pedra e nem uma planta, mas um animal. E entre os animais, ele não é um verme, por que tem uma cabeça, nem um inseto, porque nesse caso ele teria antenas, nem um peixe sem barbatanas, nem um pássaro sem asas, mas um animal quadrupede. E o fato é “que como um historiador natural ainda tenho que achar qualquer característica que possibilite ao homem de ser distinguível com base em princípios científicos dos primatas.”³³

Nesse sentido, num primeiro nível de nossa análise, com a inserção do verbete “*Man*”, Chambers incorporou, indubitavelmente, o principal marco de inserção do ser humano na ciência Setecentista. Como mencionamos, o projeto taxonômico de Linné parametrizou a reflexão sobre o lugar do ser humano na criação e na história natural ao longo dos séculos XVIII e XIX. Isso nos remete à um segundo nível da análise relativa a tal incorporação: a inserção deste verbete no dicionário de Chambers significa a superposição de dois projetos classificatórios: um taxonômico e um enciclopédico. Ambos remetem à organização e à estruturação do conhecimento, porém com diferentes formas e procedimentos para caracterizar o

³⁰ Carl von Linné, *Systema Naturae, sive Regna Tria Naturae Systematice Proposita per Classes, Ordines, Genera, & Species* (Leiden: Lugduni Batavorum, Apud Theodorum Haak, Ex Typographia Joannis Wilhelmi de Groot, 1735), s.v. “Quadripedia”.

³¹ Para uma análise dos critérios utilizados por Linnaeus na classificação de humanos, cf. Staffan Müller-Wille, “Linnaeus and the Four Corners of the World,” in *The Cultural Politics of Blood, 1500–1900*, ed. Kimberly A. Coles, et al. (Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2015): 191–209.

³² Cf. Raphael Uchôa, & Silvia Waisse. “A ‘Antítese Essencial’: T.H. Huxley e o Lugar da Humanidade na Natureza,” *Revista Brasileira de História da Ciência* 8 (2015): 51-64; e Gunnar Broberg, “Linnaeus’s Classification of Man,” in *Linnaeus: The Man and His Work*, ed. Tore Frängsmyr (Berkeley: University of California Press, 1983), 156–95.

³³ Carl Linnaeus, *Fauna Suecica* (Stockholmiae: Sumtu & literis Laurentii Salvii, 1746), praefatio [n.p.].

conhecimento sobre o ser humano. Dito de maneira mais ampla, o verbete “*Man*” permite a visualização de dois projetos estruturadores de uma linguagem universal para a ciência do período, bem como do próprio conteúdo de uma ciência do homem.

Assim como Linné, o francês Georges-Louis Leclerc de Buffon figura entre as fontes alinhavadas na *Cyclopaedia* para se referir ao ser humano, especificamente como objeto da história natural. Sua obra monumental, *Histoire naturelle, générale et particulière* (1749–1788), tornou-se um marco para os estudos da história natural humana ao longo dos séculos XVIII e XIX.³⁴ Chambers não oferece demasiados detalhes sobre o autor francês, além de adjetivá-lo como genial e mencionar a sua caracterização da variedade da espécie humana.

Histoire naturelle apresenta a visão de Buffon sobre o ser humano e seu lugar na natureza criada. Segundo o naturalista francês, o homem veria, com base no exame sucessivo e ordenado dos vários objetos que compõem o universo e situando-se no topo de todos os seres criados, que é possível descender por degraus quase imperceptíveis da mais perfeita criatura até a mais informe matéria, ou do animal mais perfeitamente organizado até a matéria bruta mais inerte.³⁵ Nesse sentido, assim como Linné, a visão de natureza de Buffon tem como espinha dorsal a antiquíssima ideia de uma cadeia do ser.

Além disso, sua *Histoire naturelle* combina a localização dos seres humanos entre os animais com a historicização da espécie humana. Isso se fundamenta numa análise zoológico-geográfica da humanidade, bem como num esquema narrativo fundamentado numa história cosmológica e geográfica. A história natural do homem forma a maior porção do segundo e terceiro volumes de *Histoire naturelle*, imediatamente seguida de discursos preliminares sobre a natureza da terra e teorias de formação cosmológicas, bem como um longo discurso sobre as características gerais da reprodução das plantas e animais.³⁶

Considerações finais

De fato, a *Encyclopédie* parisiense apresentou de forma mais clara a caracterização de um primeiro espaço teórico para o ser humano em seu diagrama do conhecimento. Todavia, o principal argumento no presente artigo é que os parâmetros e procedimentos de inserção do ser humano na ciência se encontram em Buffon e Linné e estão representados na *Cyclopaedia* de Chambers, publicada em 1728. O dicionário inglês revela duas fendas para a percepção do surgimento paulatino de

³⁴ Apesar de jamais ter escrito nada especificamente para a *Encyclopédie* parisiense, os princípios de história natural contidos em sua obra estão espalhados no dicionário francês, principalmente por meio da contribuição do médico e naturalista Louis-Jean-Marie Daubenton (1716-1800).

³⁵ Georges-Louis Leclerc de Buffon, *Histoire naturelle générale et particulière* (Paris: Imprimerie Royale, 1749-67), vol. 1, premier discours.

³⁶ Sloan, 134-9.

um espaço teórico para o estudo do ser humano: 1) o conceito de antropologia, traduzido como a ciência que trata da natureza humana a partir da investigação da relação entre corpo e alma; e 2) a inserção do verbete “*Man*” no Suplemento de 1753. Como vimos, a inserção deste verbete representa a sobreposição de dois projetos de parametrização do conhecimento científico sobre o ser humano: um enciclopédico e outro taxonômico, o que, de maneira mais geral, nos permite visualizar dois projetos estruturadores de uma linguagem universal para a ciência do período, bem como do próprio conteúdo de uma ciência do homem.